

Meditações: II

domingo do Advento

(Ciclo A)

Reflexão para meditar no II domingo do Advento (Ciclo A). Os temas propostos são: a nossa esperança fundamenta-se em que Deus entrou na história; olhar para o nosso passado de maneira esperançada; ancorar-nos em Jesus abre-nos ao futuro.

- A nossa esperança fundamenta-se em que Deus entrou na história.
- Olhar para o nosso passado de maneira esperançada.

- Ancorar-nos em Jesus abre-nos ao futuro.
-

«A RECORDAÇÃO ANUAL do nascimento do Messias em Belém renova no coração dos crentes a certeza de que Deus é fiel às suas promessas. Por conseguinte, o Advento é *anúncio poderoso de esperança*»^[1]. E ao considerar a esperança, podemos cair no erro de pensar que se trata de algo orientado exclusivamente para o futuro; pareceria que, perante uma adversidade seja de que tipo for, recorrer a esta virtude consistiria em rejeitar o passado, fechar os olhos ao presente e sonhar com um futuro melhor.

Contudo, não é por acaso que este tempo litúrgico de esperança se situa entre a memória da primeira vinda

de Cristo em Belém e a expectativa do seu regresso glorioso no fim dos tempos. Ou seja, o Advento recorda-nos, ao mesmo tempo, o passado e o futuro. «A nossa esperança não está desprovida de um fundamento, mas alicerça-se num acontecimento que se insere na história e, ao mesmo tempo, excede a história: trata-se do acontecimento constituído por Jesus de Nazaré»^[2].

S. Mateus apresenta-nos João Batista como o precursor de Cristo. Ele anuncia a chegada iminente de Quem tinha sido esperado durante tanto tempo: «Convertedei-vos, porque chegou o Reino dos Céus». Mas esse Messias não se tornará presente com uma demonstração de força, como muitos imaginavam: fá-lo-á nascendo numa manjedoura. Deus não ficou como um ser distante, difícil de conhecer, que entende pouco dos nossos problemas e com quem é quase impossível relacionar-nos. O

criador entrou na nossa história como mais um e tornou-se muito próximo: esta é a raiz da nossa esperança.

«TUDO o que foi escrito anteriormente foi escrito para nossa instrução, a fim de que, pela paciência e consolação que tiramos das Escrituras, tenhamos esperança» (Rm 15, 1-9). Pode suceder que nem sempre saibamos conservar essa esperança. A experiência das nossas próprias fraquezas pode fazer-nos pensar que Deus acabará por perder a paciência connosco. No entanto, o Senhor emociona-se ao ver que sentimos necessidade d'Ele, também quando nos aproximamos d'Ele com um «coração contrito e humilhado» (Sl 51, 17). Pois, como escreve também S. Paulo, onde «abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm

5, 20). S. Josemaria via com otimismo a experiência das próprias debilidades: pensava que, quanto mais evidentes podiam ser, mais profundos podiam ser os alicerces da própria vida espiritual^[3].

Por isso, a virtude da esperança nutre-se de duas atitudes que podiam parecer antagónicas. Por um lado, tira forças do agradecimento para com tudo o que o Senhor quis oferecer-nos. Uma esperança afiançada no grande amor que Deus nos tem, na obra que faz connosco, pode apoiar-nos em tempos difíceis. Contudo, a nossa esperança também se fortalece quando contemplamos a nossa própria biografia com um olhar reconciliador: «Se não nos reconciliarmos com a nossa história, não conseguiremos dar nem mais um passo, porque ficaremos sempre reféns das nossas expetativas e consequentes desilusões»^[4]. Deus nunca nos pede coisas impossíveis;

só quer que O deixemos entrar até ao mais profundo da nossa alma, também do nosso passado. Poderá então dirigir os nossos passos futuros em direção ao encontro com Cristo que vem.

A ICONOGRAFIA ANTIGA

representava a esperança como uma âncora. Daí que, em muitas embarcações, a âncora mais pesada e mais importante receba o nome desta virtude teologal. Esperar em Deus apoia-nos nos momentos de tormenta. Mas a imagem da âncora não devia fazer-nos pensar num imobilismo vital, como se a solução para os nossos problemas consistisse em ficarmos paralisados. Jesus Cristo vem renovar todas as coisas (cf. Ap 25, 1), pelo que ancorar-se n'Ele é estar disposto a zarpar até oceanos não imaginados.

«Julgará os pobres com justiça, e com equidade os humildes da terra» (Is 11, 4). A esperança conjuga uma aceitação realista da nossa vulnerabilidade com a abertura aos dons que Deus nos oferece cada dia. Sem negar a nossa personalidade nem o nosso passado, queremos revestir-nos pouco a pouco de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Rm 13, 14). Deste modo, a chegada de Jesus no Natal não será um evento meramente exterior, mas alcançaremos uma maior intimidade com esse Deus que quis fazer-se Menino para caber nos nossos corações.

S. Josemaria considerava a esperança como um «suave dom de Deus (...) que enche de alegria a nossa alma»^[5]. A ancorar a nossa vida no passado da nossa salvação, e no futuro da segunda vinda de Jesus, dota o presente de uma divina suavidade; cada momento da nossa vida

transforma-se num encontro com Jesus que veio e que virá. Maria, esperança nossa, soube abrir a sua própria história ao futuro de Deus e por isso foi tão feliz em cada momento da sua passagem pela terra.

[1] S. João Paulo II, Audiência, 17/12/2003.

[2] Bento XVI, Homilia, 01/12/2007.

[3] cf. S. Josemaria, *Caminho*, n. 712: «Bem fundo caíste! Começa os alicerces a partir daí (...)».

[4] Francisco, *Patris corde*, n. 4.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 206.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-ii-domingo-do-advento-
ciclo-a/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-ii-domingo-do-advento-ciclo-a/) (19/08/2025)